



Data: 06.11.2019

Título: EDUCAR PARA E PELA LIBERDADE

Pub:



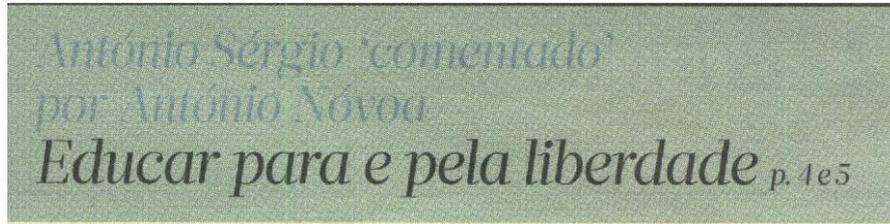
JL Educação



Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Destaque

Pág: 1;4;5



Área: 1300cm² / 51%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6649095



Data: 06.11.2019

Título: EDUCAR PARA E PELA LIBERDADE

Pub:

JL Educação

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Destaque

Pág: 1;4;5

António Sérgio

Educar para e pela liberdade

“O princípio de uma educação para e pela liberdade é central em todo o pensamento de António Sérgio. Para o explicar, recorre a um confronto entre as duas grandes metáforas educativas: o professor como oleiro que dá forma a um barro inerte e sem vontade própria, definidora de uma educação tradicional que se faz de fora para dentro, versus o professor como jardineiro que ajuda a planta a crescer, característica de uma educação nova que se faz de dentro para fora” – escreve António Nóvoa, reitor honorário da Universidade de Lisboa, prof. e estudioso da Educação de reputação internacional, atual embaixador de Portugal na Unesco, ao comentar mais à frente os últimos dois dos seis textos desconhecidos do grande ensaísta que revelamos e cuja origem referimos mais de espaço nas nossas edições de 25 de setembro e de 9 de outubro.

Passando agora meio século sobre a morte, aos 85 anos, do autor de *Educação Cívica*, que fez estudos de pós-graduação no Instituto Jean-Jacques Rousseau, centro do movimento da Escola Nova, e foi ministro da Instrução Pública na I República “com o principal propósito de criar uma Junta de Ampliação de Estudos, organismo autónomo que enviaria sistematicamente bolseiros ao estrangeiro para estudar, e que financiaria institutos de investigação e escolas modernas”; e, sobretudo, tendo Sérgio toda uma vasta obra, empenhadamente pedagógica, da maior importância mormente para educadores e para a indispensável formação do espírito crítico – saímos um pouco da linha habitual do JL/Educação, para assinalar aqueles cinquentenário. E em próxima edição publicaremos a coluna de Eugénio Lisboa, que sobre Sérgio já aqui escreveu, na qual conversa com A. Campos Matos sobre uma próxima fotobiografia do homem que tantos ‘estudou’ e ‘revelou’ Portugal e a nossa história, e tanto se bateu pela democracia durante a ditadura

O educador deve ser como o jardineiro

☛ Acredito que a essência de uma educação para a paz deve ser uma educação para a liberdade, que é uma educação pela liberdade.

Ainda há muitas pessoas que concebem a educação a partir da imagem da produção de um objeto, por exemplo, de um vaso. De acordo com esta concepção, há um oleiro, que é o educador; e há o barro, que é o aluno. O oleiro elabora no seu espírito a forma ideal de um vaso; e, com essa ideia, pega na argila plástica, molda-a, e dá-lhe a forma do modelo ideal.

Outras pessoas, no entanto, vêem o trabalho do educador como o do jardineiro.

Ser jardineiro, fazer trabalhos de jardinagem, não é pegar num pedaço de madeira e cortá-lo na forma de uma roseira, de um miosótis, de um heliotrópio. A planta, para o jardineiro, como para todos, é um ser vivo, nascido de si mesmo, que cresce por si mesmo, que floresce por si mesmo. Não é o jardineiro que, através de um ato de autoridade, faz de uma dada semente um heliotrópio, ou um miosótis, ou uma roseira, impondo-lhe uma certa espécie, a espécie vegetal a que deve pertencer: “tu serás roseira”, “tu serás miosótis”; não é o jardineiro que puxa a

planta para a obrigar a crescer. O seu papel é eliminar os obstáculos ao crescimento livre da planta; modificar as condições do meio ambiente de maneira favorável, dando-lhe água, ar, luz, calor, adubos, para que a planta apanhe tudo o que se encontra no seu meio, os elementos que lhe são úteis.

Pois bem, não devemos esquecer que o educador deve ser como o jardineiro. Deve olhar para o aluno como um ser em acção, que se deve disciplinar a si mesmo, através de um trabalho sobre si mesmo. Para isso, é preciso reconhecer a liberdade do aluno, não para

que ele a tome como um dom exterior, mas para que possa levar a cabo a libertação do seu eu superior. A verdadeira liberdade significa libertação moral.

Não vos posso apresentar, neste momento, os meios técnicos para realizar esta educação para a liberdade e pela liberdade; basta-me, por agora, chamar a vossa atenção para o facto de que esta educação que nos permitirá libertar-nos dos nossos preconceitos, dos impulsos e paixões que nos conduzem à guerra. 31

Área: 1300cm² / 51%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6649095



Data: 06.11.2019

Título: EDUCAR PARA E PELA LIBERDADE

Pub:

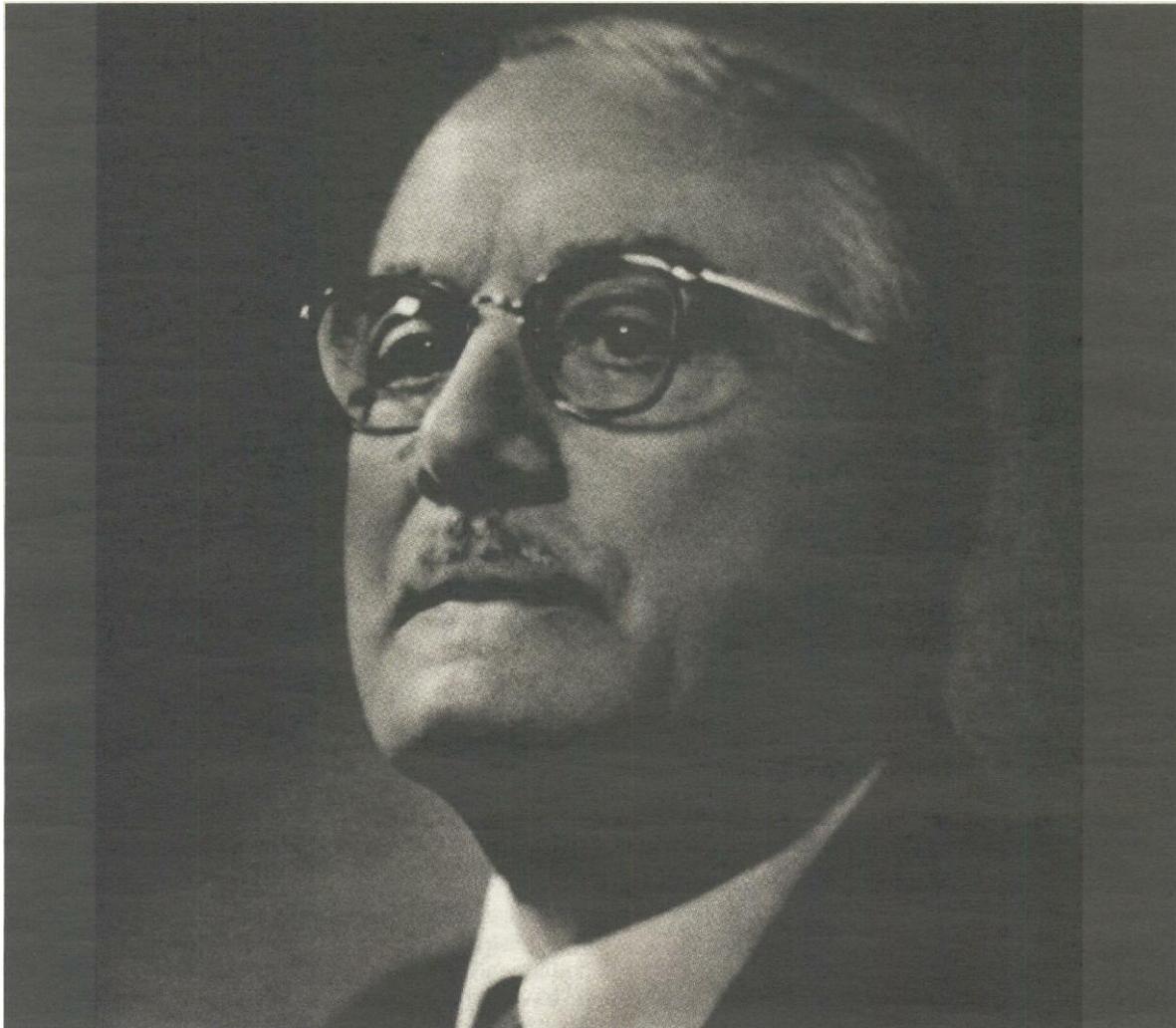
JL Educação



Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Destaque

Pág: 1;4;5



Área: 1300cm² / 51%

FOTO

Coors: 4 Coors

ID: 6649095

Comentário

¶ O princípio de uma educação para e pela liberdade é central em todo o pensamento de António Sérgio. Para o explicar, recorre a um confronto entre as duas grandes metáforas educativas: o professor como oleiro que dá forma a um barro inerte e sem vontade própria, definidora de uma educação tradicional que se faz de fora para dentro, versus o professor como jardineiro que ajuda a planta a crescer, característica de uma educação nova que se faz de dentro para fora.

A metáfora é algo simplista. A melhor maneira de a interrogar é pensar nas ferramentas que o jardineiro utiliza no seu trabalho - ancinho, tesoura, pá, picareta, sacho, serrote... - e a metáfora perde logo o

seu encanto. Mas o que interessa sublinhar é a defesa do movimento próprio de cada um, da sua autonomia no processo de educação que é, sempre, também auto-educação.

Num outro texto em que recorre a esta metáfora, Paideia (ver Ensaios, tomo VII), no qual entra em polémica com um Professor catedrático, António Sérgio explica que o mais importante é “dispor o ambiente de maneira tal que ele ajude a criança a educar-se a si mesma” e conclui com uma frase bem conhecida: “A heteronomia que o Professor defende pode ser um processo de domesticação de bichos; mas só na autonomia - e pela autonomia - se realiza uma verdadeira educação para homens”.

De entre as várias iniciativas editoriais realizadas durante o seu exílio parisiense, António Sérgio procura lançar uma Biblioteca do Educador. Com esse fim, mantém correspondência com Álvaro Viana de Lemos, professor da Escola Normal Primária de Coimbra,

procurando publicar, como primeiro volume, a obra de Adolphe Ferrière, Transformemos a escola, que constitui um verdadeiro manifesto da Educação Nova: “Parece-lhe que as escolas normais primárias fariam sair uma tradução portuguesa do Transformons? Que espécies de livros teriam saída fácil, promovida pelas escolas normais?” (Paris, 2 de Maio de 1927); “Publicá-la-íamos como a primeira de uma colecção, que intitularíamos, por exemplo, Biblioteca do Professor Primário” (Paris, 30 de Maio de 1927); “Será para nós o maior instrumento de propaganda que poderíamos conseguir. Vamos a ver” (Paris, 28 de Junho de 1927); “Pode ir já fazendo propaganda deste, e noticiar na Educação Social o seu próximo aparecimento, como primeiro de uma Biblioteca do Educador, editada sob a minha direcção” (Le Mont-Dore, 31 de Agosto de 1927).

O livro é finalmente publicado du-



rante o Verão de 1928, com a chancela da Livraria Francesa e Estrangeira Truchy-Leroy, com sede em Paris, mas será uma “edição malfadada”, segundo Álvaro Viana de Lemos, devido aos problemas com a Ditadura. E, no entanto, o prefácio de António Sérgio, datado de Paris, Janeiro de 1928, é muito interessante, sobretudo na definição dos dois grandes objectivos que, na sua opinião, incumbem à escola do futuro: “um deles, a anulação progressiva dos antagonismos sociais,

e a instauração da sociedade justa, pela Escola Única do Trabalho; o outro, a realização da Liberdade na vida da gente adulta, pela educação das crianças no regime da Liberdade”.

Tal como no texto publicado no jornal *Le Volontaire*, também no prefácio a *Transformons l'école*, António Sérgio liga o trabalho educativo à transformação social. É por isso, escreve no prefácio, que teve se exilar – “exílio que faz parte de uma obra coerente de pregador, e exigido pela lógica do meu papel”. Assim sendo,

é normal que termine o artigo de jornal reafirmando que só um novo tipo de educação permitirá libertar-nos dos nossos preconceitos, dos impulsos e paixões que nos conduzem à guerra”; e que termine o prefácio dirigindo-se aos jovens: “Espero por eles; espero pelos obreiros que verão um dia a seara magnífica que eu não hei de ver – semente paciente que terei sido, na turba sem prémio dos semeadores”. **ANTÓNIO NÓVOA**

A vida moral à imagem do desporto físico

Encontrarão, meus caros amigos, pessoas que vos dirão que a paz é impossível, que a guerra é uma consequência fatal da natureza humana, que a vida pressupõe sempre um vencedor e um vencido. Deve responder-se que a humanidade já alcançou muitas coisas que eram consideradas impossíveis, e que hoje os processos químicos tornam a guerra tão terrivelmente assassina que é possível matar todos os habitantes de Paris com uma centena de aviões, numa hora, e que, nestas condições, é preciso ser louco para ainda sonhar com vitórias.

Depois daqueles para quem a paz é uma impossibilidade, há o grupo dos desencorajados, daqueles que nos dizem que é difícil – muito difícil – e que estamos enganados sobre a facilidade das coisas. A estes, é necessário responder... que bem o sabemos; sim, que todos nós sabemos que é muito difícil, e é justamente porque é difícil que o trabalho de paz nos seduz ainda mais. Para um Voluntário, difícil é saber o que fazer. Para um Voluntário, o trabalho difícil é o trabalho interessante, revigorante, gentil e belo. Para obter a paz, é preciso fazer um esforço; e um esforço, não só muito grande, mas que deve ser realizado todos os dias.

Um dos erros mais temíveis (erro, aliás, muito frequente, e que é a causa, tanto quanto me parece, de muitas decepções na vida política) é acreditar que,

na vida moral, social e política, se pode conquistar um bem verdadeiro, deixando que ele fique como um objeto material que se fabricou. Há povos que se revoltaram para conquistar a liberdade política; vencedores, elaboraram constituições liberais; proclamaram estas constituições; e acreditaram firmemente que a nova situação estava estabelecida e que seriam livres. Ora, um dia apercebemo-nos de que não somos assim tão livres; que caímos noutras cadeias; e pensamos que a culpa é dos inimigos da liberdade. Mas não, meus caros amigos, não acreditem nisso. Os culpados são aqueles que esquecem que a liberdade do homem, assim como o seu corpo, deve ser alimentada pelo trabalho diário, com suor; que se deve recriar a liberdade todos os dias, organizá-la todos os dias, conquistá-la todos os dias; e que é necessário, acima de tudo, conquistá-la em nós mesmos.

Pois bem, o problema da paz é como o da liberdade: deve ser conquistada por um trabalho sem descanso; e deve ser conquistada, acima de tudo, dentro de cada um. Deixamo-nos levar pela ideia da guerra porque nos deixamos levar pela paixão cega, pelos impulsos inconscientes da máquina animal, dos nervos e do sangue. A explosão da pólvora no canhão é a consequência da

explosão dos nervos no nosso corpo. Façamos a paz no nosso espírito; aconteça o que acontecer, mantenhamo-nos calmos, compreensivos, benevolentes, lúcidos; treinemo-nos para compreender sempre os outros, para recorrer sempre à persuasão, para sorrir sempre.

Hoje, existe a moda do desporto físico. Muito bem; gostaria apenas que a vida moral fosse concebida à imagem do desporto físico. Para ser desportista, é preciso paciência para treinar todos os dias; se não treinarmos todos os dias, deixamos de estar “em forma”; perdemos força; tornamo-nos incapazes de ganhar a prova. Todos sabemos a loucura que seria um desportista treinar apenas um dia, ou alguns dias, e pretender estar “em forma”, permanentemente, para todo o futuro. O treino regular é a lei que rege a nossa natureza física. Não entanto, poucos são capazes de conceber tão claramente que é a mesma lei de treino assíduo que rege a nossa natureza moral: liberdade, igualdade, fraternidade, paz. Aqui, a situação é idêntica, pois aquele que não quer treinar todos os dias, exercitar todos os dias, conquistar todos os dias, perde a forma, fica mais fraco, recua. Treinar-se moralmente na paz interior, conquistá-la todos os dias: é este o desporto próprio dos Voluntários da Paz. .n.

Paris, 23 de Novembro de 1929



Data: 06.11.2019

Título: EDUCAR PARA E PELA LIBERDADE

Pub:

JL Educação

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Destaque

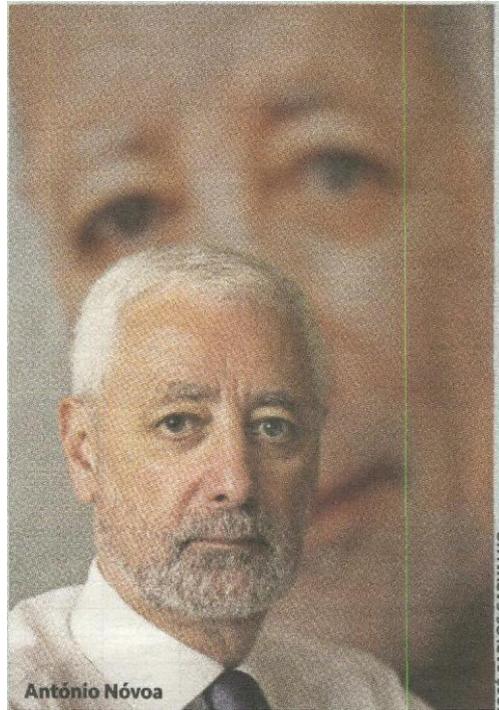
Pág: 1;4;5

Comentário

¶ Neste texto, António Sérgio começa por uma afirmação que o século XX confirmará muito para além do que seria possível prever em 1929: a partir de agora deixa de haver “vitórias” nas guerras, pois “é possível matar todos os habitantes de Paris com uma centena de aviões, numa hora” e, nestas condições, todos saímos derrotados. A ideia de que a guerra é sempre um atentado contra a humanidade e o planeta será, nas últimas décadas do século XX, objeto de importantes reflexões de Michel Serres.

De seguida, retoma dois princípios que são centrais nos seus escritos: a necessidade de pensar a paz como um trabalho interior, de cada um consigo mesmo; e a obrigação de realizar este trabalho sem descanso, diariamente. O princípio da realidade interior está sempre presente no seu pensamento. Para ele, nada se resolve como se a paz fosse um “objeto material”, exterior, pois “a explosão da pólvora no canhão é a consequência da explosão dos nervos no nosso corpo”. Tudo se decide quando somos capazes de fazer “a paz no nosso espírito”.

O princípio do trabalho diário é ilustrado através de uma curiosa metáfora com o desporto. António Sérgio compara a cidadania com o desporto, afirmando que é preciso treinar todos os dias para podermos estar em forma quando somos chamados a exercer os nossos direitos e deveres cívicos. É uma linha de reflexão sistematicamente presente nos seus escritos sobre a democracia e a intervenção cívica, com um apelo constante à vigilância crítica e à participação na vida da polis. Escreve em Paris, neste mesmo ano de 1929, que o princípio



António Nóvoa

JOSE CARLOS CARVALHO

essencial da democracia é o de não nos fiarmos em quem governa, e conclui: “Criar autónomos, forjar espíritos, ligar a reforma da vida pública à reforma intelectual do indivíduo interior, ao severo exercício da disciplina crítica, sem nunca esquecer o condicionamento económico: a verdadeira democracia nos virá de aí” (texto publicado nos *Ensaios*, tomo III).

E conclui o seu artigo, dirigindo-se diretamente aos Voluntários da Paz, a associação que publica o jornal *Le Volontaire*, em que saíram estes textos, para sublinhar as bases do desporto que devem praticar: treinar-se moralmente na paz interior e conquistá-la todos os dias. **ANTÓNIO NÓVOA**

Área: 1300cm² / 51%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6649095